



Discurso de Posse

Belém (PA), [s.d.].

Página | 1



Discurso proferido pelo novo sócio efetivo

Rubens da Silveira Britto

*Por ocasião de sua posse da Cadeira Nº 24, patronímica de João de Palma Muniz
Fazendo referência Augusto Ebramar de Bastos Meira, fundador e primeiro ocupante da Cadeira*



AUGUSTO MEIRA FILHO, EM MINHA LEMBRANÇA

RUBENS S. BRITTO

1. Ufano por haver sido alvo de referência, por parte do ilustrado Prof. José da Silveira Neto — a quem, desde o convívio acadêmico, me ligam, até por afinidades de família, laços de amizade e admiração, que os anos sô fizeram robustecer — para fazer parte dessa pleiade de cultores dos fastos parauaras, na seara da cultura e do saber, que o são verdadeiramente os partícipes deste sodalicio, ficou-me a sensação de plenitude emocional, que ainda prevalece, quando — confesso gratamente — me chegou o aviso do deferimento àquela indicação de generosidade fraterna.
2. Eis-me, aqui, portanto — orgulhoso pela deferência, submisso pela gentileza, reconhecido pela magnanimidade — a tentar corresponder a tanta condescendência, com as energias, aliás escasas, de que for capaz, com o desejo — isso, sim — de me fazer esforçado e pleno de bem intencionados propósitos.
3. É que me cabe et pour cause a responsabilidade, altamente honrosa, de discorrer sobre o último ocupante da cadeira, ora em evidência, de que passo a me vangloriar, o eminente homem de cultura que foi Augusto Ebremar de Bastos Meira.
4. Toca-me particularmente aos sentimentos falar de Augusto Meira Filho, como gostava de ser conhecido, homenagem mais que justificada de orgulho pela figura do pai emérito. Augusto, colega de meu irmão Ruy, também engenheiro e professor, de quem se fez grande amigo, frequentava com assiduidade, por isso mesmo, a residência dos Silveira Britto, no então Largo de S. João nº 7, hoje Praça República do Líbano nº 290, casa humilde de família numerosa, de 6 filhos homens e 1 mulher, todos em via de preparo, com a dedicação dos pais, como a dele, para as lides competitivas da vida. Um chorilho de rapazes, a mocinha e meninos, a frequentarem Faculdades de Ensino Superior os mais velhos, até o Grupo Escolar Rui Barbosa o mais novo. Houve, até, que recorrer à ajuda mais efetiva do Governo, a cujos mecanismos de encaminhamento para a vida militar foram entregues 2 deles, os do meio, que vieram a se tornar oficiais do Exército, ambos engenheiros militares, um deles também engenheiro civil. Ficaram, assim, 4 engenheiros na família, porque o caçula, talvez sob a influência dos outros manos, se diplomou em Engenharia Civil, enquanto a moça se fez farmacêutica.

5. Pois bem, foi nesse ambiente de estudo, de convívio familiar, de companheirismo puro, que se formou e se solidificou amizade que ultrapassou anos e se solidificou nos tempos acadêmicos e no tirocínio profissional.

6. Nesse relembrar de afeições, de entendimentos, de compreensões, de afinidades, de relacionamentos, sobressai em minhas lembranças a figura de minha mãe, heroína do lar, cuja memória os filhos cultuam como a de uma santa. A sensibilidade de Augusto não passou despercebida a grandiosidade dessa exemplar mãe de família, que lhe dava tratamento igual ao de um filho, ^{compatível} a singeleza do lar humilde, o que, com a observação dos fatos diários, deu origem a comovedor sentimento de respeito e de admiração por essa mulher, ainda em meia idade, que sacrificou parte da vida para garantir o futuro dos filhos, longe do marido que, no Acre, batalhava galhardamente para que nada de indispensável lhes faltasse, em prol da capacitação para o dia de amanhã. E essa admiração e esse respeito eram tão imponentes que Augusto várias vezes me afirmou, ao comentar o que testemunhara, que ainda escreveria sobre essa extraordinária D. Nenen, como era tratada na intimidade. Infelizmente a Parca o atraiu traiçoeiramente, muito cedo, em pleno vigor intelectual.

7. Estou rememorando esses fatos para dar idéia do orgulho com que recebi a obrigação de falar sobre Augusto, a criatura nobre que encantava quantos se lhe aproximassem.

8. Esse varão ilustre, dentre irmãos igualmente ilustres, de clan ilustre — tem muita erudição, para citar um só exemplo, a epopéia camoneana BRASILEIS, do "velho" Meira, como a gente dizia, tal como, na sucessão dos tempos, diz a geração de hoje em referência aos da geração que naquele tempo era jovem — marcou profundamente, irmanado ao mano Ruy, o relacionamento entre membros da mesma geração nas duas famílias. Embora os primogênitos — Octavio e eu — não se apercebessem bem dessas amizades dos mais novos, isto é, não estivessem a compartilhar de mais perto desses entendimentos, em termos de colegas de estudos, amigos de bancos escolares — o que se traduzia por tratamento cordial mas cerimonioso entre os mais velhos — o fato é que havia ingresso desembaraçado de um e de outro na casa de cada qual, circunstância de que mesmo o mano caçula, Washington, também veio a compartilhar, quanto à mansão de Benjamin Constant com a então Estrada de S. Braz, hoje Av. Braz de Aguiar.

9. Era esse o ambiente fraterno que os rebentos criaram entre as duas famílias, que de comum tinham, até, a circunstância de haver um só médico de cada lado, num caso com predominância de cultores do Direito, no outro de Artes Matemáticas.

10. E assim, ao sabor ameno dessa admiração, que os anos nunca desmentiram, embora as distorções ocasionais inerentes aos caminhos da vida — a agir espacialmente com a força centrífuga das ausências, mas sempre presente a atração centrípeta de amizade bem alicerçada — foram sendo vistos e apreciados, no decorrer dos dias, pelos de cá, desvanecidos, vaidosos, os conglomerados de virtudes e de cultura, de vitórias e honrarias, de galardões e conquistas, de paixões sadias e dedicações sublimes, de convicção e de arrojo, que em torno do vulto amigo se vieram acumulando destacadamente.

11. Outra lembrança, eu já maduro, profissionalmente realizado, guardo de Augusto, quando, com o meu regresso a Belém, depois de, convocado para a chamada Batalha da Borracha, que me alcançou como médico da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, nos confins do Amazonas com Mato Grosso, durante a II Grande Guerra, haver me ausentado por 14 anos, fui atraído pelos sucessos retumbantes da Sociedade Artística Internacional, a sua SAI, que ele fundara em 4/5/1947.

12. É que, tendo assistido algumas apresentações, a convite, de virtuoses de conceito firmado dentro e fora do país, em espetáculos do mais elevado nível artístico, manifestei desejo de participar do seleto rol de associados do SAI. Foi o bastante para, "temperamente ciclotímico — como o descreveu seu irmão Clovis, o médico — nos momentos de alegria era esfuziante, enchia a sala, contaminava a todos", ampliar em grande escala a catequese de que eu vinha sendo alvo sem o sentir, desde o primeiro comparecimento. Discorria sobre cada artista e, particularmente, sobre cada partitura executada ou a executar em próxima "soirée", com maestria e conhecimento de causa que embasbacava ao humilde apreciador de músicas sérias mas leves. Descerrava horizontes nunca dantes por mim imaginados. Enveredava por caminhos jamais trilhados por minha percepção não educada. Devassava cantos e recantos eruditos, muito ao longe do meu alcance. Expendia comentários e apreciações que escapavam, de muito, ao meu julgamento bisonho.

13. E, nessas conversas, que eram sempre continuadas em ocasiões semelhantes, então me transmitindo conhecimentos a mancheias, com observações judiciosas sobre arte e sobre música e sobre autores e sobre terra, costumes e vida dessa gente, que me descrevia como se fossem semi-deuses ou quase isso, eu me quedava perplexo de tanta erudição, de tanto entusiasmo, de tanto jeito de comunicar ensinamentos.

14. E, assim, vivi momentos inesquecíveis por ocasião dos sa-raus da SAI, legítimos espetáculos de gala, à altura das altaneiras tradições do Pará, que, mormente na primeira década do século, recebia visitas diretas de companhias líricas européias, a se contentar em exhibições exclusivas no Teatro da Paz, em Belém e no Teatro Amazonas, em Manaus.

15. Mais recentemente, Augusto deu provas exuberantes de firmeza em seus pontos de vista, ao ser posto em discussão o problema da ligação do continente à ilha do Mosqueiro, por ponte.

16. Convenceu-se, como engenheiro e técnico que esmiuçou o assunto por diferentes ângulos de conveniência — social, política, econômica, técnica, prática — que a melhor solução era alcançar a ilha à sudeste, embora saindo do município de Belém para, depois de varar espaços dos de Ananindeua e Benevides, tornar a ele. Afigurava-se-lhe de mais viabilidade esse acesso, que, além de menor largura no vão de travessia, sem condições favoráveis a assoreamento, mas com índices de profundidade, cujas correntes fluidas resultantes não chegassem a perturbar o livre trânsito a embarcações de uso rotineiro, iria beneficiar extensas porções de terras então isoladas, valorizando-as e tornando-as úteis a populações então marginalizadas.

17. De nada valeram os argumentos de menor distância no percurso por inteiro, dentro do município da capital, através da ilha de Caratateua; de economia no custo quilômetro/rodovia, porque os dispêndios de construção de duas pontes, uma pequena, a partir de Icoaraci, mais outra muito maior, a ser lançada a partir do lado oposto da ilha de Caratateua, contrabalançavam, de muito, a aparente economia de cálculos sumários.

18. Defendeu suas idéias com veemência, demonstrando matematicamente a exatidão de seu raciocínio, a justeza evidente de sua argumentação, a exequibilidade racional de suas demonstrações.

19. E, passando da idéia à ação, organizou, com grupo de amigos, expedição que, partindo de Belém, atingiu de Benevides, por terra, abrindo picada, o chamado Furo das Marinhas, para a escolha do local aproximado da futura ponte, e foi recebido, já na ilha, pelo então Subprefeito do Mosqueiro, Carlos Gomes da Cunha, cujo testemunho invoca e dia 21/7/1959.
20. Era assim, conscientemente obstinado nas decisões que, depois de cuidadoso exame, tomasse, em abono de suas convicções.
21. Nascido a 5/8/1915, na casa nº 73 da antiga Estrada de Nazaré, no Largo da Memória, antepenúltimo da série de 8 rebentos, o 3º dentre os 5 varões, Augusto foi predestinado às letras, às artes, à música, à poesia, à cultura.
22. Morreu, fulminado à falência do miocárdio, que, já de algum tempo, o vinha ameaçando, às 14:30 horas de 8/7/1980, quase um mês antes de completar 65 anos, saindo o féretro às 10 horas do dia seguinte, da capela de Santo Antonio de Lisboa, à praça Batista Campos, para o cemitério de Santa Izabel, onde desceu à sepultura nº 10.008, da Quadra 11-H.
23. Portou-se, entre esses dois registros, uma vida útil, reta, honesta, destemida, brilhante, padrão de dignidade, de retidão, de respeito.
24. Apaixonado pelos lugares em que nasceu e morreu e pelas cousas com que conviveu e de que privou, "Augusto era — no dizer de seu irmão Cecil, jurista — essencialmente telúrico, amava a terra, amava seu céu, ora azul ou turvado de nuvens, as chuvas finas e as trevoadas copiosas, os grandes torós de nossa terra. Amava as ruas, suas mangueiras, as pedras de lioz e envolvia a cidade inteira com o seu amor. Tanto fez, forte e indomável, defendendo nossa cidade, suas tradições, suas obras de arte e suas riquezas naturais que acabou se tornando um símbolo de defesa permanente. Quando algum administrador incapaz e incauto, frio e insensível, violava sua cidade, Augusto explodia pelos jornais, pela tribuna, nas conversas de viva voz, verberando o ato de insano que pretendia destruir a tradição de Belém. Seu nome fica como elemento de defesa continuada e todas as vezes que alguém pretender profanar nossa cidade, cortando árvores, destruindo as pedras portuguesas, o monumento eterno que é a Cidade Velha, seu nome aparecerá como se presente fosse, defendendo sua gente, sua terra. Se alguma dúvida existisse sobre o infinito amor que ele dedicou, permanentemente, à nossa formosa cidade, bastaria ver o registro de suas obras, uma bibliografia que honra o autor. Seus trabalhos, dia a dia, caíam de sua pena, todos eles dedicados à vida, à história e ao cotidiano de nossa terra".

25. Augusto, "misto de engenheiro, historiador, poeta, urbanista e ecólogo", confessa, em entrevista à imprensa, a propósito de sua escolha unânime para ocupar a cátedra nº 10, cujo patrono é o cientista brasileiro João Barbosa Rodrigues, da Academia Paraense de Letras, que "é verdade que sempre dediquei-me às letras e às artes, sobretudo à música, como um devoto apaixonado de seu encanto e de sua beleza"; que "ainda pequeno em idade, organizei um jornalzinho manuscrito, editando-o semanalmente em casa", o qual "sob o nome de 'O Papagaio' aos sábados circulava na vizinhança"; que "mais tarde, na adolescência, junto a Armando Paiva, lançaria 'O Astro', com noticiário completo da Rua São Braz" (a dizer Estrada de São Braz), "o primeiro por volta da década de vinte e o segundo, depois de trinta". Acrescenta que "tenho publicações antigas, na 'A Semana', na 'Novidade', no 'Pará Ilustrado', na 'A Vanguarda', no 'Imparcial', nas 'Folhas' e em outras fontes de divulgação". Revela que "aos quinze anos escrevi um romance animado pelo Nelio Reis, à sua moda e à do Dalcídio Jurandir". E diz que "depois passei a comentar assuntos técnicos, de engenharia sanitária, de urbanismo, de arquitetura"; e que "assim nasceriam meus caminhos para a pesquisa histórica".

26. Então, prossegue, "cheguei à conclusão de ser necessário reunir aqueles trabalhos que tivessem algum mérito documentário, para o futuro estudo de nossa cidade", quando "ocupeimei-me, corajosamente, na averiguação de certos fatos nebulosos de sua história". E detalha que "no Rio encontraria enorme manancial na Biblioteca Nacional para estudar e analisar códices preciosos sobre sua vida, seu passado, seus segredos centenários"; que "em Belém, na Biblioteca Pública, no Instituto Histórico, nas coleções maravilhosas do acervo da Universidade Federal do Pará, e no do Museu Paraense Emílio Goeldi", como também "o velho Meira possuía algumas raridades", com o que, "pouco a pouco, fui reunindo obras de grande interesse para meus estudos nesse sentido".

27. E completa que "em 1970 fui a Lisboa, a serviço oficial da Câmara"; que "prolonguei minha presença no velho mundo, graças à compreensão, amizade e ajuda de um grupo amigo de portugueses do Pará, que me permitiu ali efetuar as pesquisas que tanto desejava"; que "no Porto, em Coimbra, no Aveiro, em Évora e, principalmente, em Lisboa, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Histórico Ultramarino" obteria, assim, "cerca de novecentos códices sobre a nossa história, raros documentos e, muitos deles, inéditos". Acentua que "entre esses documentos, viria o Album de Landi, da Biblioteca Nacional de Lisboa e a Obra de História Natural, do mesmo Landi, arquivado e inédito há dois séculos, na Biblioteca Municipal do Porto", a

qual "possui diversos documentos de 1616, assinados pelos fundadores e colonizadores de Belém do Grão Pará"; que "era preciso trazer a qualquer custo da Europa, dos museus, arquivos e bibliotecas a nossa verdadeira história que lá está muito bem conservada, com uma preservação digna de ser vista e exaltada".

28. Augusto, o grande emotivo, "o enamorado de Belém" — "sob a carícia dessas mangueiras seculares, respirando conosco a brisa benfazeja do Marajó, que nos alimenta e consagra" — se extravasa sentimentalmente com essas palavras, no discurso que pronunciou perante a Academia Paraense de Letras, na Sessão Solene de 15/10/1975, a quando de sua posse: "Nada, absolutamente nada, será maior na vida de qualquer filho de Deus, senão o gosto, o ar, a beleza, o sentido verdadeiro, a emoção de viver palmilhando, gostando, encantando o lugar abençoado onde nasce para o mundo, na hora grande do primeiro grito de espanto em participar da vida!" E profliga: "Por que desgarrar-se das rosas da infância e percorrer caminhos obscuros, desconhecidos, em demanda de um mundo que nos foge e que só é nosso na complexidade global de todos na face da terra? A partida é uma fuga, uma fuga sem fim e sem sentido quando se ama a gleba que ouviu nossos prantos e deles embebeu-se de saudade. É essa divina graça que eu canto nesta hora, ao entardecer da vida. Jamais partir do aconchego, do calor, da aragem, do perfume e da paisagem que vimos, sentimos e guardamos na memória dos nossos primeiros dias, da infância que marca no coração as pegadas da esperança, a esperança da realidade material da vida, a vida que ensina, castiga, revigora, cresce e retorna às mesmas fontes em que criança nos perdemos, a imaginá-la toda um jardim de rosas rubras e, no crepúsculo, matizadas de angústias e desilusões, refletem o sinal maior da experiência, do sofrimento, das injúrias recebidas, fixadas na fronte encanecida, reflexo eternal da primavera que se reveste de lentas e superficiais camadas de neve, a branquear-lhe os cabelos na idade venturosa da compreensão, do amor puro, da paz interior, da idéia limpa e perfeita".

29. E, com esse desabafo, que tanto tem de emotividade, de apego ao meio em que nasceu, cresceu e se fez o homem de intelecto lapidado, a quem todos reverenciam com admiração e estima, Augusto insiste em dizer que "tudo que eu quero é volver às rosas da infância na pureza de seus gestos, na descuidada visão de uma vida simples, plena de bondade, de sonhos, de encantamentos às coisas da natureza, nessa divina natureza das coisas que se desenvolve diante de nossos olhos, nos dá a sua contemplação e sua força, a nos indicar os passos à eternidade que o espírito e a humildade constroem em nossos corações".

30. Seu temperamento pleno de emotividade, sua inteligência de tão extensa criatividade, seu horizonte mental de tanta amplitude encontraram, no aconchego do lar bem constituído, a harmonia, o clima propício ao raciocínio sadio, equilibrado e produtivo, sob ambiente de carinho e compreensão que soube criar com a escolha feliz da companheira virtuosa que foi buscar, a 15 de maio de 1943, no seio de tradicional família parnaibana, D. Maria de Lourdes Freitas de Meira, a enriquecer-lhe a vida com 8 filhos: Nelson Augusto, Maria Cristina, Regina de Nazareth, Wilson Augusto, Milton Augusto, Aurélio Augusto, Edson Augusto e Marcio Augusto.

31. Exaltava-se com suas convicções, emocionava-se ao paroxismo com as concepções de seu idealismo, como quem vive integralmente os seus pensamentos e vibra de antemão com as metas concebidas apaixonadamente, a tal ponto que, até lhe abreviando a hora fatal, se deu aos sentimentos na totalidade, quando se antevia fremente de prazer ao pressentir de perto a presença do Sumo Pontífice, que visitava Belém. Na emoção de sair para ver o Papa, o coração baqueou definitivamente, fulminantemente, traiçoeiramente. "Por que? Por que naquele justo instante, quando tudo era festa e alegria?" perguntou o irmão Clóvis, que "muitas e muitas vezes em que o socorrera e considerara perdido, estados graves, gravíssimos, mas que conseguira vencer"; mas, "naquele instante, entretanto, nada mais havia que fazer, os desígnios de Deus não podiam ser superados ou desviados de seu curso, era o determinismo biológico, compreendido, mas nunca aceito".

32. Em tópicos de coluna muito lida, da imprensa local, cronista conhecido registrou que o carro fúnebre, pelo número incalculável de acompanhamentos, gerando problemas de trânsito, teve que permanecer "mais de dez minutos debaixo de frondosa mangueira", como se Augusto estivesse "dando o seu último adeus às árvores queridas", ou "talvez fosse o último adeus dado pelas velhas e generosas árvores, em reconhecimento ao zelo e amor que ele lhes devotava".

33. Esta assembléia cultural, a cujo nome emprestou, por 14 anos, o brilho de sua erudição e de sua capacidade criadora, desde a sessão solene de recepção, aos 8 de maio de 1966, se rejubila e se enobrece, por certo, de havê-lo escolhido por unanimidade, tal como o foi, mais tarde, para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que passou também a abrilhantar, a partir de 15/12/1976, na condição de membro-correspondente.

34. Também o Conselho Estadual de Cultura, do Pará, teve o privilégio de contá-lo, desde 1974, entre os seus membros, em sucessão a Orlando Bitar, e na sessão de homenagem à sua memória, a 19/8/80, a presidente da casa reconheceu que "Augusto Meira Filho foi, talvez, o mais versátil dos membros deste Conselho. Foi, sobretudo, poeta, não só pelos versos que escreveu, mas porque viveu poeticamente. Mesmo em política ele fez poesia, lutando sempre pela preservação da cidade de Belém e pela conservação de seu patrimônio histórico e artístico".

35. Foi nessa sessão de homenagem póstuma que o conselheiro Waldemar Henrique, compositor de nomeada, chamou a atenção para o fato que Augusto, como poeta e musicista, fora o autor, dentre outras composições, da letra do Hino Comemorativo dos 365 anos da fundação da cidade de Santa Maria de Belém, que ele, Waldemar, musicara.

36. "Artista nato e daí se explica a sua atração pelas belezas da natureza, pelas obras de arte em geral e pela história, tão rica de arte em todos os tempos", como foi descrito, Augusto teve o título de "Historiador da Cidade", outorgado pela Câmara Municipal de Belém, como recebeu o "Brazão d'Armas da Cidade de Belém", em cerimônia póstuma, a 15/8/1980, de entrega da comenda à família, também pela mesma Câmara Municipal.

37. E, ainda nessa data, outra homenagem, desta vez da Prefeitura Municipal de Belém e da Sociedade dos Amigos de Belém — que o teve como seu primeiro presidente, desde, portanto, a sua formação em 1961, de estatutos decalcados da congênere Grupos dos Amigos de Lisboa — Augusto recebeu, com a inauguração de marco implantado na Praça da República, esquina da Av. Assis de Vasconcelos com Av. Osvaldo Cruz, tendo engastada placa com os dizeres: "Ao historiador Augusto Meira Filho, a gratidão da cidade que muito amou. Em 15/8/80". Muda de mangueira, plantada na ocasião junto ao pequeno marco, ambos protegidos por corrente de ferro, completa a homenagem prestada a quem tanto se bateu pela arborização de Belém.

38. "O galante campeador — como escreveu um seu colega da Academia Paraense de Letras — saiu da liça, por coincidência, numa gratificação ao historiador, numa data ímpar de nossa história. O cavaleiro andante, solitário e romântico, que no ardor das defesas que fazia dedilhava Debussy, não mais campeia pelas tradições de sua terra e pela sua cidade. A sua lança tarjetada de luto, não mais disputará pela arena varando a poeira sacudida no revolver da memória das coisas. Foi-se o cavaleiro romântico, galante e solitário. O campeão partiu mas não está morto. Não morrem os poetas; não morrem os que amam exacerbadamente a sua terra; não morrem os que chegam ao alto da montanha; não morrem os que muito amaram e sofreram pelos seus ideais; não morrem os que deixam tantas ações e tantas obras; enfim, não morrem os que deixam uma grande estirpe forjada e plasmada à sua semelhança".

39. Está aí abalisadamente delineado o traço mais forte, o perfil transversal dessa criatura profundamente humana, que, no conceito de seu outro irmão e jurista Octávio, o mais velho, "honrou o nome de seu pai, de seus ancestrais, e manteve suas tradições de cultura, de honradez e probidade".

40. De fato, o grande vulto, que foi seu progenitor, o desembargador José Augusto Meira Dantas, potiguar de nascimento, que abrilhantou os meios cultos do Pará e desposou Anézia de Bastos Meira, dama de pura linhagem mocronga, encheu sua época com o brilho de seu talento multiforme, que deixou farta e substancial produção, na seara da Justiça em especial, no campo da cultura, em geral. E a numerosa prole advinda correspondeu plenamente aos padrões de origem, para glória do Pará.

41. A bagagem literária de Augusto se fez ampla e robusta. Livros, opúsculos,, crônicas, artigos em revistas, conferências, publicações em jornais, discursos — abrangendo tema de história, estudo biográfico, poesia, música, nota de viagem, romance — tudo se encaixava à feição no horizonte largo de sua intelectualidade, aguda e onímoda.

42. Dentre os livros, "Contribuição à História de Belém", em 2 volumes, é, talvez, a obra principal, a que se juntam "O Bi-Secular Palácio de Landi", "Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará", também em 2 volumes, "Landi, Esse Desconhecido — O Naturalista", "Antonio José de Lemos — O Plasmador de Belém", "Mosqueiro, Ilhas e Vilas", etc.

43. Avolumam essa produção trabalhos como "Nossa Senhora de Belém", "Contribuição à História dos Pulpitos de Santo Alexandre", "A Capela de Santo Alexandre", "Contribuição à História da Pintura na Província do Grão-Pará no Segundo Reinado", "In Memoriam de Fernando Guilhon", "Meu Relicário de Aveiro", "Volta ao Mundo Nordeste"; conferências sobre "A Estrada e o Rio — Paralelos de Integração", "Cabral e a Comunidade Luso-Brasileira", "Os Capuchos, O Bispo e As Dorotheas", "As Missões Religiosas e Sua Função Colonizadora no Grão-Pará", "A Ponte do Mosqueiro e sua Expressão no Desenvolvimento de Belém", "A Formação Histórica do Grão-Pará", "Aspectos Históricos de Belém", "Pedro Teixeira — O Herói de Cantanhede", "Beethoven — O Artista", "A Formação do Arsenal de Marinha de Belém", "A Adesão do Pará à Independência"; o romance "Petrônio — O Fugitivo de Estremoz"; discursos como o de posse no Conselho Estadual de Cultura, o de recepção a Waldemar Henrique no Conselho Estadual de Cultura; colaboração sistemática à imprensa, inclusive com secção de periodicidade regular, "O Jornal Dominical", inserta em 258 edições, a última das quais a 6 de julho, dois dias antes de falecer; ensaios, palestras, etc.

44. Augusto foi agraciado com honrarias numerosas, dentre as quais:

Medalhas: 1) Comemorativa dos Trezentos e Cinquenta Anos da Fundação de Belém; 2) Comemorativa do Centenário das "Filhas de Sant'Ana; 3) Cultural "Paulino de Brito"; 4) Condecorativa "Pedro Teixeira" (do Instituto Histórico e Geográfico do Pará); 5) Comemorativa da Reinauguração do Colégio Estadual "Lauro Sodré"; 6) dos "Terminais Rodoviários"; 7) Comemorativa do 127º Aniversário do Colégio Estadual Paes de Carvalho; 8) Condecorativa "Cidade de Belém"; 9) Cultural-Comemorativa do Centenário da Biblioteca e Arquivo Públicos do Estado do Pará (concedida pelo Conselho Estadual de Cultura); 10) Comemorativa do Centenário da Fundação do Instituto de Educação do Pará (concedida pela Fundação Educacional do Estado); 11) Condecorativa "Amigo da Marinha" (concedida pelo IV Distrito Naval); 12) Comemorativa do Cinquentenário da Fundação da Escola de Química da Universidade Federal do Pará; 13) Comemorativa do Sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência (concedida pelo Conselho Estadual de Cultura); 14) Comemorativa do Centenário de Oswaldo Cruz (concedida pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará); 15) Comemorativa do Bicentenário da Catedral Metropolitana de Belém (concedida pelo Arcebispo Metropolitano de Belém); 16) Comemorativa do Bicentenário do Palácio do Governo do Pará (concedida pelo Governo do Estado); 17) Comemorativa do Sesquicentenário da Independência do Brasil (concedida pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará); 18) Comemorativa do Sesquicentenário do Brasil (concedida pela Comissão Central dos Festejos); 19) Comemorativa do Jubileu de Prata do Departamento de Estradas de Rodagem do Pará (concedida pelo DER-PA); 20) da Imortalidade (concedida pela Academia Paraense de Letras); 21) Condecorativa "José Veríssimo"; 22) Comemorativa do Jubileu de Prata Dr. J.J. Aben-Athar (concedida pela Secretaria de Saúde do Estado); 23) Comemorativa do Jubileu de Prata do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Pará; 24) Condecorativa Honra ao Mérito do Sindicato dos Engenheiros do Pará; 25) Cultural "Augusto Meira" (concedida pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará); 26) Comemorativa do Bicentenário da Igreja de São João (concedida pela Prefeitura Municipal de Belém); 27) Comemorativa do Centenário de Plácido de Castro (concedida pelo Ministério da Educação e Cultura); 28) Condecorativa "Ordem do Mérito Grão-Pará", no Grau de Comendador (concedida pelo Governo do Pará); 29) Plaqueta de Prata (concedida pela Sociedade dos Amigos de Belém); 30) Condecorativa dos 30 Anos de Exercício Profissional (concedida pelo Sindicato dos Engenheiros do Pará); 31) Condecorativa "Mérito Tamandaré" (concedida pelo IV Distrito Naval);

32) Comemorativa do Centenário do Teatro da Paz (concedida pelo Governo do Pará); 33) Comemorativa do 109 Aniversário do Conselho Estadual de Cultura; 34) Comemorativa do Centenário da Farmácia Beirão, em Belém (concedida pelos seus proprietários); 35) Comemorativa dos Sessenta Anos de Instalação Marista em Belém; 36) Condecorativa (de ouro) dos Bons Serviços Prestados ao Governo do Pará por mais Trinta Anos Dedicados à Causa Pública (concedida pelo Governo do Estado); 37) Comemorativa do VII Congresso de Tribunais de Contas do Brasil (concedida pelo Tribunal de Contas do Pará); 38) Cultural "Professor Dr. Camilo Salgado", no Centenário do seu Nascimento (concedida pelo Conselho Estadual de Cultura); 39) Condecorativa do "Poder Legislativo do Pará"; 40) Condecorativa "Ordem do Mérito Francisco Caldeira Cartello Branco" (concedida pela Prefeitura de Belém); 41) Condecorativa "Mérito Rodoviário Municipal de Belém" (concedido pelo Conselho Rodoviário Municipal); 42) Comemorativa da Inauguração do Palácio da Justiça.

45. Diplomas: 1) Engenheiro Civil; 2) Honra ao Mérito, da Câmara Municipal de Belém; 3) "Membre d'Honneur d'Escole Saint-George de Cayene", na Guiana Francesa; 4) Suplente de Deputado Estadual; 5) Vereador Municipal de Belém (6a, 7a e 8a Legislaturas); 6) Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará; 7) Honra da Solidariedade; 8) Honra ao Mérito, do Lions Clube da Cidade Velha; 9) Membro da Comissão Julgadora do Concurso Literário da "Semana do Exército", em 1971, do Ministério do Exército; 10) Membro de Honra da Comissão dos XVIII Jogos Paraenses Ginásio-Colegiais; 11) da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - Seção Pará; 12) Membro Conselheiro da Comunidade Portuguesa do Pará; 13) Mérito 15 de Agosto, da Câmara Municipal de Belém; 14) Rotary Clube Belém-Nazaré; 15) Honra ao Mérito, da Assembléia Legislativa do Pará; 16) Certificados (4) do 19 Comando Regional da Aeronáutica; 17) Amigo do Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar; 18) Rotary Clube Belém-Norte; 19) Honra ao Mérito, Centenário de "A Província do Pará", da Câmara Municipal de Belém; 20) Honra, do Coordenador dos "Centros de Estudos de Ciências Jurídicas e Sociais", de Piracicaba, S. Paulo; 21) Honra ao Mérito, da União de Vereadores do Brasil; 22) Grande Colaborador do Centro de Cultura Artística do "Colégio Augusto Meira".

46. Por sua atividade dinâmica e multifacetada, desempenhou funções de relevo, desde a vida acadêmica, como: 1) Escriturário da antiga Câmara dos Deputados; 2) Desenhista, Auxiliar de Engenheiro e Engenheiro Auxiliar, da Diretoria de Obras do Pará; 3) Engenheiro-Chefe de Turma, do Departamento de Serviço Público; 4) Engenheiro Diretor do Serviço de Águas e Engenheiro Diretor Geral do Departamento de Águas do Pará; 5) Interventor da "Pará Electric Railway

Company Ltda" - Setor da Usina; 6) Interventor da Escola de Engenharia do Pará; 7) Membro Secretário do Conselho Rodoviário do Departamento de Estradas de Rodagem do Pará; 8) Presidente do Conselho Municipal Rodoviário; 9) Presidente da Sociedade Artística Internacional; 10) Presidente da Sociedade dos Amigos de Belém; 11) Presidente da Câmara Municipal de Belém; 12) Vice-Presidente do Comitê Belém-Aveiro; 13) Membro da Comissão Oficial de Belém, na assinatura do Pacto da Fraternidade Belém-Aveiro, 1970, em Portugal; 14) Membro-fundador da Comissão Permanente do Plano Diretor da cidade de Belém; 15) Agente Consular da França; 16) Membro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura - 1a. Região; 17) Membro do Clube de Engenharia do Pará; 18) Membro Honorário do Comitê da Alliance Française, de Belém; 19) Membro da Diretoria da Festa de Nazaré (7 anos); 20) Engenheiro Perito e Avaliador da Carteira Técnica do Banco de Crédito da Amazônia; 21) Membro da Comissão Organizadora do Concurso do BCA (Matemática e Francês); 22) Membro da Construção do novo edifício do BCA, em Brasília; 23) Membro da Construção do novo edifício do BCA, em Belém; 24) Vereador e Líder da Maioria, na Câmara de Vereadores de Belém (3 anos); 25) Presidente da Câmara Municipal de Belém (biênio 1971/1972) e 1º Secretário por 1 ano; 26) Presidente das Comissões Técnicas de Obras e Urbanismo e Economia e Finanças, da Câmara Municipal de Belém; 27) Presidente da Assembléia Geral da Assembléia Paraense; 28) Diretor Técnico da META; 29) Engenheiro Assessor da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Belém, e Presidente de várias de suas Comissões Técnicas; 30) Membro da Comissão de Restauração do "Palácio Antonio Lemos"; 31) Diretor-Superintendente da Fundação Cultural do Estado do Pará; 32) Presidente do Conselho Diretor da Fundação Cultura do Estado do Pará; 33) Presidente do Conselho Rodoviário do Departamento de Estradas de Rodagem do Pará; 34) Membro do Conselho Diretor da Companhia de Saneamento do Pará; 35) Membro da Comissão dos Festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil, 1972; 36) Membro da Comissão dos Festejos do Sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil, 1973; 37) Representante do IV Distrito Naval no Colóquio de História, na Guanabara, sob os auspícios do Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1972; 38) Proponente da designação do nome do Almirante Braz de Aguiar à nova Escola de Marinha Mercante do Pará; 39) Membro da Comissão dos Festejos do Centenário de Plácido de Castro; 40) Membro da Academia Brasileira de História; 41) Consul Honorário da França, no Pará e no Amapá; 42) Membro do Conselho de Administração da Companhia de Saneamento do Pará; 43) Membro do Conselho Estadual de Cultura; 44) Membro da Academia Paraense de Letras; 46) Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; 47) Presidente do Movimento de Apoio ao Emigrante Português;

48) Membro da Comissão Técnica de construção do Monumento a Lauro Sodré, em Belém; 49) Membro da Comissão Técnica de construção do Monumento a Pedro Teixeira, em Belém, oferecido pela colônia portuguesa do Pará e erguido pela Prefeitura Municipal de Belém; 50) Membro da Comissão Técnica de restauração do "Palácio Lauro Sodré", do Governo do Pará; 51) Membro do Grupo de Trabalho que fixou em Belém o "Marco de Barcelos", doado à cidade pela Comissão Demarcadora de Limites; 52) Membro da Comissão de Construção do Clube de Engenharia do Pará.

47. Participou de várias sociedades técnicas, literárias ou sociais, tais como: Sócio Efetivo e Fundador da Associação Interamericana de Engenharia Sanitária, Sócio Fundador da Associação Brasileira de Saneamento, Sócio Honorário do Clube Bancrêvea, Sócio Benemérito da Assembléia Paraense, Sócio Honorário do Conjunto Coral "Ettore Bosio".

48. Está aí, atributos em bosquejo, senhores, a vida admirável dessa criatura digna por todos os títulos, que foi Augusto Ebramar de Bastos Meira — "um sentimental, não sabendo reprimir emoções, as palavras ficavam presas na garganta, entrecortadas de soluços e de lágrimas, ao ler uma poesia, um verso, o que lhe tocava toda a sensibilidade", como testemunhou seu irmão Clóvis; um embevecido que, na bonita imagem do outro irmão, Cécil, sentia "Belém inteira correndo em suas veias".

1. Reportar-se à personalidade de João de Palma Muniz — cujo nome muito justamente se fez, à intelectualidade da época, sinônimo de inteligência, de erudição, de produtividade técnica — é tarefa que extrapola, positivamente, o horizonte do que, à minha visão, posso dar conta.
2. Em verdade, devassou, com brilhantismo e dedicação fora do comum, ramos diversificados do conhecimento humano, quer como geógrafo, quer como historiador, como professor, como jornalista, como engenheiro civil.
3. A formação básica que lhe deu a Escola Politécnica do Rio de Janeiro serviu de fundamento à intensa atividade profissional que desempenhou, ora como emérito esmiuçador de questões lindeiras, em que se firmou através de memoráveis estudos do mais destacado valor; ora como historiógrafo metucioso em pesquisas que lhe valeram a consagração dos eruditos; ora como membro do magistério superior, na qualidade de catedrático da Escola de Agronomia e de Medicina Veterinária do Pará; ora como engenheiro diretor interino da Diretoria de Obras Públicas, da Estrada de Ferro de Bragança e do Serviço de Águas.
4. Filho de Joaquim Ferreira de Andrade Muniz e Maria d'Ascensão Neves Muniz, nasceu na cidade de Vigia, a 5 de janeiro de 1873.
5. Casou, a 1º de outubro de 1902, com Delphina Gama de Palma Muniz, filha do tabelião Jaime Gama e de quem não houve filhos.
6. Faleceu em Belém, aos 54 anos de idade, às 15 horas de segunda-feira, 26 de dezembro de 1926, no quarto nº 20 do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, a que se recolhera na véspera, em consequência de complicações de febre paratifoide. Conforme o noticiário à época, o cadáver, transportado por carreta do Corpo de Bombeiros Municipal para o palacete residencial do extinto, à então avenida da Cipriano Santos nº 111 (hoje avenida Magalhães Barata, em local onde se erguem grandes blocos de apartamentos), às 19 horas, ficou em câmara ardente na sala principal, "repousando em rico ataúde negro com aplicações de ouro". O féretro saiu às 9 horas do dia seguinte para o Cemitério de Santa Izabel, sob "encomendações no ritual católico pelo padre Affonso Di Giorgio, com acompanhamento de 54 automóveis e 6 bondes especiais". Coche de 1ª classe. Estiveram às alças do caixão o Governador do Estado Dionísio Bentes, o juiz federal Luiz Estevão de Oliveira, o advogado Samuel Mac-Dowell, os engenheiros Henrique Santa Rosa, Raimundo Vianna e Philignésio Carvalho.

O corpo desceu à catacumba nº 469, quando falaram os Drs. Henrique Santa Rosa, titular da Diretoria de Obras Públicas, Luiz Barreiros e D'Almeida Genu, que recitou soneto intitulado "Epicedio". Houve grande acompanhamento por elementos representativos da sociedade local e autoridades civis e militares, como o intendente Crespo de Castro, o capitão de fragata Benjamin Goulart, o capitão de corveta Ribas de Farias, o secretário da Intendência Paulo Eleutério, Renato Franco por Paul Le Cointe, dentre muitas, além dos irmãos Joaquim das Neves Muniz, fiel de armazém da Port of Pará; Ildefonso das Neves Muniz, conferente da Alfândega e Mariana Muniz Souza, esposa do Dr. Alfredo Souza; os cunhados Joaquim Sodré da Gama e Carlos Sodré da Gama; e a tia Ana Rosa Rodrigues das Neves. O Instituto Histórico e Geográfico do Pará, que se fez representar por seu presidente Henrique Santa Rosa, seu vice-presidente Luiz Estevão, seu tesoureiro Sulpicio Cordovil, seu orador oficial Luiz Barreiro, seu secretário Almeida Genu e seus membros Costa Homem e Fulgencio Simões, mandou coroa de flores, com os dizeres: "Ao seu eminente Secretário, dolorosa homenagem do Instituto Histórico". Coroas outras foram remetidas: 1) "Ao distinto engenheiro Palma Muniz, saudosa homenagem dos seus colegas de classe"; 2) "A Escola de Agronomia e de Medicina Veterinária, ao seu prezado vice-diretor"; 3) "Ao Dr. Palma Muniz, o Conselho Administrativo da Santa Casa de Misericórdia"; 4) "Os agronomandos de 1927 ao seu prezado professor e paraninfo"; 5) "Ao seu ilustre chefe de seção, amarga saudade da Diretoria de Obras Públicas"; 6) "Eterna saudade de sua esposa"; 7) "Ao Palma Muniz, homenagem do amigo José Julio"; 8) "Ao preclaro amigo Palma Muniz, saudosa homenagem de Ferreira Teixeira"; 9) "Saudades do José Sidrim e família"; 10) "Ao velho amigo Palma, último abraço de José Martins da Silva Lopes e Alberto Ferreira". Funerais por conta do Estado. Catacumba com perpetuidade concedida pela Resolução nº 3, do Conselho Municipal de Belém, por unanimidade, na sessão de 29/12/1927, sob a presidência de Carlos Damasceno e secretariada por Infante de Castro e Edgar Proença, presentes os vogais Bacelar Junior, Danin dos Santos, Higino Pampolha, Matos Pereira, Carmelo Salgado e Alves Dias, que justificou a proposta. Em sinal de pesar por esse falecimento, o empreiteiro das obras do Asilo da Velhice Desamparada mandou suspendê-las até segunda ordem, já que o extinto era chefe dessa construção. Também o Conselho Municipal, na reunião de 17/12/1927, aprovou, por porposta de seu secretário Edgar Proença, que fez referências ao papel desempenhado por Palma Muniz nos meios intelectuais do Estado, a inclusão de voto de pesar pelo falecimento do preclaro homem de cultura e prestigioso cidadão.

7. Substituído interinamente, por determinação do Governador, na direção da Escola de Agronomia e de Medicina Veterinária do Pará, pelo secretário Steliano da Costa Homem, até o regresso do interior, do diretor efetivo José Ferreira Teixeira, Palma Muniz teve a memória pranteada através da Portaria assim redigida: "Tendo assumido, hoje, por ordem do Governador do Estado, a direção deste estabelecimento, enquanto durar a ausência do diretor, cumpre-me, não sem que o mais profundo pesar me empolgue ao fazê-lo, ditar estas homenagens muito merecidas e muito justas à memória desse inolvidável cidadão, o amigo e o professor desta Escola, que foi o para nós sempre pranteado Dr. João de Palma Muniz, homem bruscamente arrancado do convívio de sua família e de sua terra que ele sempre bem serviu, legando-lhe o melhor de sua inteligência e de sua dedicação patriótica. Determinando, pois, que esta Escola de Agronomia e de Medicina Veterinária do Pará guarde luto por oito dias e que a bandeira nacional seja hasteada à meia verga neste edifício, durante três dias, é de justiça que eu saliente ainda uma vez a grande obra do ilustre morto em benefício deste estabelecimento de ensino, que nele contava um dos seus mais sólidos baluartes, trabalhando afincadamente pelo seu bom nome, em honra de nossa terra. Que o nome do Dr. João de Palma Muniz fique, pois, para sempre na memória de todos nós, professores e alunos desta casa, como um exemplo digno, de sabedoria, de inteligência, de patriotismo e, sobretudo, de caráter. Publique-se. Diretoria, em 27 de dezembro de 1927, (a) Costa Homem, diretor interino."

8. Em "Palma Muniz e o Instituto Histórico", inserto no Vol. VI, 1º semestre de 1931, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, o Desembargador Jorge Hurley, de saudosa memória, escreveu que "fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, veio, desde sua fundação, no governo do velho republicano Dr. Lauro Sodré, a 6 de março de 1917, ao lado de Ignacio Moura, Henrique Santa Rosa, Luiz Estevão de Oliveira, Theodoro Braga, Braga Ribeiro e Luiz Barreiros, no perpetuo exercício de 1º secretário, sendo ali, entre os mais doutos, o que mais se distinguia em labor". E fez referência de que "em 1924 quando, juntos, na honrosa companhia do meu distinto e sábio amigo Dr. Heraclides de Souza Araujo, eminente leprologo pátrio, comissionado pelo governo, estivemos no Prata, cuidando da entrega dessa ex-propriedade do Estado do Governo Federal, tive a ventura de conviver, intimamente, com o ilustre e sempre lembrado morto", quando "compreendi quanto bondosa e simples era a alma de Palma Muniz! Jovial sempre, de um otimismo vencedor, profundamente católico, boêmio às vezes, sem etiquetas e hipocrisias, mostrava à primeira vista o que era, trazendo sempre preso ao pescoço, num cordãozinho de ouro, a efigie de Nossa Senhora de Nazaré! E não dormia

sem rezar, porque queria estar sempre preparado para a morte'. Dota do de excelente memória, invulnerável às investidas dos tóxicos, re lembrava-me, até dormirmos, com impecável e eloquente exatidão, a história do Pará, sob uma crítica justa e construtora!"

9. Serviu naturalmente de credencial para essa comissão a autoria do trabalho, publicado em 1913, sobre "O Instituto Santo An tonio do Prata (Município de Igarapé-Açu)", Typ. da Livraria Escolar, uma das peças de sua laureada bagagem bibliográfica.

10. Em verdade, Palma Muniz sempre revelou entranhada paixão por questões históricas. Daí sua atuação devotada a este sodalício.

11. O professor Clovis Silva de Moraes Rego, intelectual con temporâneo que abrilhanta o Conselho Estadual de Cultura do Pará, cu ja Presidência ocupou com raro tirocínio e grandes merecimentos, in clusive a republicação de obras de mérito e edições esgotadas, como "Adesão do Grão-Pará à Independência e Outros Ensaio", escreveu, na substanciosa apresentação desse volume, que "a intensa atividade es piritual de Palma Muniz está substancialmente vinculada à vida do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. A essa Instituição, de que foi operoso Secretário, em estilo quase vitalício, e da qual foi um dos fundadores, não apenas na segunda fase, de 6 de março de 1917, como na primeira, de 3 de maio de 1900, posto que relacionado entre os 53 sócios cujos nomes, sob essa condição, figuram nas páginas 168 e 169 da Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará, Ano I, vol. nº 1, fascículo nº 2,, obra hoje incluída entre as inobteníveis raridades bibliográficas — Imprensa Oficial, Belém, Pa^{ra}, 1900 — dedicou o melhor de sua pujança intelectual, de seu ar dor cívico, de seu entusiasmo, de suas energias e de sua atividade criadora. Não é, pois, sem justificadas razões que tem hoje seu no me respeitável a aureolar, como patrono, uma das Cadeiras do nobre Sodalício, precisamente a de número vinte e quatro, da qual é funda dor".

12. E acrescenta, logo a seguir, o devotado e brilhante inte^l lectual e homem público: "E é exatamente nas páginas imperecedouras da Revista dessa Casa de Estudo, órgão que fez vicejar com o seu im pulso de membro da Comissão de Redação, que se encontram publicados fundamentados trabalhos de sua autoria, entre outros os seguintes: "Reflexões sobre os Anais Históricos do Estado do Maranhão, de Ber nardo Pereira de Berredo" (Revista do I.H.G.P., vols. I, II e III, Pará, 1917, 1918 e 1920, respectivamente); "Os Contemplados" (Nota sobre doações de terras e fazendas que pertenceram aos religiosos ex pulsos pela Lei Pombalina de 1755); e "Valério Corrêa Botelho de An drade — Diário Abreviado" (op. cit., vol. nº 1, Pará, 1917); "Sesma^{ria} do Senado da Câmara de Barcelos" (op. cit. vol. nº 2, Pará, 1918); "Dados para a História dos Limites Paraenses"; "Dr. Renato Brasilien

se de Santa Rosa" (Escorço Biográfico); "A Primeira Assembléia Legislativa Provincial do Pará"; "Centenário do regresso dos patriotas de 1823"; "Apontamentos sobre os Ouvidores Gerais do Pará"; "Apontamentos biográficos de Manoel de Sousa d'Eça, Paulo Martins Garro, Fernão Carrilho e Henrique Antônio Galluzzi"; e "Documentos para a História do Pará" (op. cit., vol. nº 5, Pará, 1926); "D. Romualdo de Souza Coelho" (op. cit., vol. nº 6, Tipografia do Instituto D. Macedo Costa, Pará, 1931); "Documentos para a História dos Municípios do Pará" e "Antonio Raposo Tavares" (op. cit., vol. nº 7, Pará, 1932); "Município de Macapá — Termos de Vereação — 1770/1780" — Compilação — (op. cit., vol. nº 8, Pará, 1934). No volume IV dessa frutuosa Revista, objeto da presente reedição, além da extraordinária Tese sobre a "Adesão do Grão-Pará à Independência", Palma Muniz adita, de sua lavra, "Adesão de Maracanã à Independência" e "Apontamentos biográficos de alguns personagens que figuraram no período histórico de 1821 a 1823", em que se ocupa da vida e obra de mais de duas dezenas de vultos da nossa história local, entre outros Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, João Pereira Vilaça, Antônio Corrêa de Lacerda, João Batista Ledo, Francisco José Rodrigues Barata, Honório José dos Santos, José Pio de Araujo Nobre e João Batista Balbi, afora, ainda, a inclusão de outros ensaios esparsos pertinentes ao momento do período das lutas da Independência". É que, na opinião abalisada do festejado beletrista coetâneo, "foi, inquestionavelmente, neste longínquo Pará que se completou o ciclo de emancipação nacional. Embora proclamada a 7 de setembro de 1822, a nossa liberdade política limitou-se, inicialmente, às Províncias do Centro e do Sul, permanecendo todo o Norte, da Bahia por diante, ainda ligado à coroa Portuguesa. Quase um ano decorreu e foi necessário para que, pouco a pouco, todo o imenso país se integrasse ao Império nascente. E o derradeiro elo dessa integração, excluindo a Província Cisplatina, que mais tarde se separou do território brasileiro, ocorreu precisamente nesta cidade de Belém, a 15 de agosto de 1823, quando toda a Amazônia rompeu os vínculos com a antiga Metrópole e se incorporou, definitivamente, ao novo Império fundado por Pedro I".

13. Disse, antes, o festejado e brilhante homem de cultura, que é, indiscutivelmente, o Prof. Clovis Silva de Moraes Rego: "A bagagem bibliográfica de Palma Muniz é, sem favor, sêria e opulenta. Dois de seus livros, pela sua notória expressão, assinalaram oficialmente, como edições comemorativas, grandes eventos do nosso passado. Além do que ora se reedita, vinculado ao processo da Independência (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, vol. IV, Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1922, 610 páginas), outro, de igual porte, votado às celebrações do tricentenário da fundação da cidade de Belém, retrata, em 816 páginas, o percuciente estudo sobre a "Delimitação Intermunicipal do Estado do Grão-Pará" (Anais

da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará. Tomo IX — Tipografia do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1916)".

14. Como é sugerido, dê-se, ainda, destaque à publicação "Patrimônios dos Conselhos Municipais do Estado do Pará", edição de Aillaud & Cia., Paris — Filial Lisboa — 1904, 232 páginas, trabalho que dedicou como "Tributo de amor filial. À memória de minha mãe querida. 7/4/1897", pelo "engenheiro civil João de Palma Muniz, Chefe da 3a. Secção da Secretaria de Obras Públicas, Terras e Viação do Pará". Esse estudo, com 36 mapas litografados — que é iniciado pela íntegra da Lei nº 912, de 9/11/1903, que "cria um escudo de armas para o Estado" e pela Lei nº 226, de 6/7/1894, alterada pela Lei nº 922, de 10/10/1904, que reorganizou os municípios do Estado, face à Constituição do Estado promulgada em 1/9/1904 — divide os 51 municípios, então constituídos no Estado, em 4 grupos: o primeiro em que os patrimônios estavam totalmente discriminados (Ourém, Monte Alegre, Ponta de Pedras, Soure, Portel, Quatipuru, Oeiras, Melgaço, Muanã, Itaituba e Cametã, 11 municípios); o segundo, dos que se achavam parte discriminados e parte por discriminar (Belém, Alenquer, Óbidos, Acará, Vigia e Santarém, 6 municípios); o terceiro, dos que só possuíam as respectivas concessões (Chaves, Bragança, Prainha, Gurupã, Souzel, Curuçã, Afuá, S. Caetano de Odivelas, Abaeté, Bagre, Santarém-Novo, Breves, Vizeu, Maracanã, S. Domingos da Boa Vista, Marapanim, Mazagão, Montenegro, Salinas, Baião, Macapã e Aveiro, 22 municípios); e o quarto, daqueles cujos Conselhos Municipais ainda não haviam desejado se "utilizar da faculdade criada pelo Art. nº 29, da Lei nº 82, de 15/9/1892" (Almeirim, Anajás, Cachoeira, Currálinho, Faro, Igarapé-Miri, Irituia, Mocajuba, Moju, Porto de Moz, S. Miguel do Guamã e S. Sebastião da Boa Vista, 12 municípios). É afirmado que "a concessão dos patrimônios municipais era antigamente feita, mediante solicitação das Câmaras Municipais, pelo governo imperial, por um aviso do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas"; e que "entretanto houve concessões de natureza diferente, como cartas de sesmaria e doações de particulares; bem assim, algumas Câmaras Municipais julgaram-se com direito a ocupação de terras nos termos e forma estabelecidos pela Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, para os ocupantes de terrenos com morada habitual e cultura efetiva, fazendo suas declarações de posse; até hoje têm sido respeitadas essas terras que deram a registro na vigência do regulamento que baixou com o Decreto nº 1318, de 30 de janeiro de 1854"; e que "atualmente a concessão dos patrimônios municipais é regulada pela Lei nº 82, de 15 de setembro de 1892".

15. Dentre as obras, além das referidas, geradas pela portentosa cerebração de Palma Muniz, a atestar "quanto ascendeu entre os que souberam produzir na vida cultural paraense", encontrei referências, a mais, das que se seguem: 1) "Relatório dos serviços da 3a. Seção da Secretaria de Obras Públicas, Terras e Viação do Estado do Pará", 1901; 2) "Carta Geográfica do Município de Belém", Paris, 1905; 3) "O Município de Itaituba - Dados históricos e estatísticos e limites municipais", Pará, 1906; 4) "Índice Geral dos Registros de Terras do Estado do Pará" - 1a. série (7 volumes) - Imprensa Oficial do Estado, Pará, 1907/1913; 5) "Carta Geográfica da zona da Estrada de Ferro de Bragança e da Colonização do Estado do Pará", Paris, 1908; 6) "Índices dos Títulos de Terra Expedidos de 1901 a 1908" (Administração do Dr. Augusto Montenegro); 7) "Terrenos Discriminados na Estrada de Ferro de Bragança", Imprensa Oficial, Pará, 1910; 8) "Mapa do Estado do Pará", com delimitação municipal, 1912; 9) "Imposto Territorial (Estado do Pará)", Belém, 1913; 10) "Formulário de Terras - Estudo e aplicação das leis de terras do Estado do Pará", Lausanne, 1913; 11) "Limites Municipais do Estado do Pará (Baião, Bragança, Breves, Cametã e Chaves)", Anais da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará, Tomo VIII, Tipografia do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1913 (páginas 247 a 319); 12) "Mapa da Região Limítrofe Pará-Amazonas", 1916; 13) "Mapa da Região Limítrofe Pará-Amazonas" (Detalhe do mapa precedente, mostrando a ocupação paraense. Copiado também pela Comissão da Carta Geral da República), 1916; 14) "A Orla Marginal do Rio Amazonas dentro do Território Brasileiro", Pará, 1916; 15) "A Faixa Territorial da República Brasileira", Pará, 1916; 16) "Algumas Reflexões sobre o 2º Memorial do Estado do Pará na Pendência de Limites Pará-Amazonas", 1916; 17) "Delimitação Intermunicipal do Estado do Pará", Tip. do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1916; 18) "O Outeiro de Maracáçu é a Serra de Parintins", 1918; 19) "Relatório dos Trabalhos dos Delegados Paraenses no Congresso de Acordo de Limites Interestaduais do Rio de Janeiro e no VI Congresso de Geografia de Belo Horizonte em 1919"; 20) "Limites Pará-Goiás, 1920; 21) "Castanhais de Alenquer", 1922; 22) "História da Instrução Pública do Estado do Pará", 1922; 23) "Relatório sobre Limites Municipais de Alenquer e Óbidos", 1923; 24) "Greenfell na História do Pará, 1823/1824", Anais da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará, Tomo X, Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1926 (páginas 7 a 238); 25) "Catálogo das Petições de Cartas de Data e Sesmaria existentes no Arquivo Público do Grão-Pará" (op. cit., páginas 291 a 334).

16. Está aí o que me foi dado coligir, pouco, muito pouco, quase nada, além do que já havia sido concatenado por outrem, conforme atrás ficou registrado, em torno da extraordinária figura de pesquisador de escol, afeito a assuntos sérios e a questões intrincadas, que ele submetia a tratamento percuciente e radical, para saneamento de conceitos e interpretações — o admirável patrono da cadeira nº 24 desta comunidade de elite, João de Palma Muniz.

17. Relevem-me, senhores, a ingenuidade, ou o desplante de, humildemente, bater, por benevolência de todos, à porta senhoril dessa comunidade.